

**Maranhão, Maria Fernanda Campelo. Santa Felicidade, o bairro italiano de Curitiba: um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção de identidade étnica. Curitiba: SAMP, 2014. 230 p.**

Rosalice Carriel Benetti<sup>1</sup>

- Enviado em 20/01/2016
- Aprovado em 14/02/2016

Santa Felicidade é um bairro de Curitiba conhecido nacionalmente por seus restaurantes concentrados em um trecho da avenida Manoel Ribas que servem comida típica italiana. O bairro surgiu a partir do desenvolvimento de uma antiga colônia de imigrantes italianos que vieram da região do Vêneto. Estabelecida nos arredores da Capital, ao longo dos anos acabou incorporada a cidade, tornando-se um bairro dela.

No livro aqui analisado a autora propõe demonstrar como a comida étnica, servida nos restaurantes típicos de Santa Felicidade constitui um símbolo selecionado pelo grupo de descendentes de imigrantes, para expressar sua identidade italiana; sua proposta é apresentar um estudo da Santa Felicidade italiana, turística e gastronômica centrada na Avenida Manoel Ribas e suas imediações. O texto é o resultado da dissertação de Mestrado, defendida em 1996 no Curso de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná e em 2014 publicada em versão impressa e edição eletrônica no volume 6 da Coleção Teses do Museu Paranaense.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito e História, especialista em Direito Penal e Criminologia (UFPR) e Sociologia Política (UFPR), especialista em História Social da Arte (PUCPR – 2012) e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (2014). Atualmente atua como voluntária no Setor de Antropologia do Museu Paranaense e como pesquisadora autônoma. Endereço eletrônico: iceb@brturbo.com.br.

Para desenvolver o estudo a autora buscou dividir a metodologia em pesquisa de campo e pesquisa histórica. A pesquisa de campo foi realizada no período de 1993 a 1995, fundamentada em métodos qualitativos tradicionais da Antropologia: observação participante, entrevistas, elaboração e análise de mapas genealógicos e espaço físico. Enquanto a pesquisa histórica envolveu consulta da historiografia paranaense, documentação oficial manuscrita e impressa, jornais e revistas.

O livro foi estruturado em cinco capítulos: 1. Do Vêneto a colônia de Santa Felicidade; 2. Identidade italiana e etnografia do bairro de Santa Felicidade; 3. Um bairro gastronômico; 4. A boa comida de Santa Felicidade; 5. Um bairro “italiano” na Curitiba dos 300 anos e a Conclusão.

No primeiro capítulo a autora busca apresentar o cenário político e econômico da Província à época da fundação da Colônia de Santa Felicidade e as transformações ocorridas ao longo dos anos.

A colônia foi fundada em 1878, por quinze famílias de imigrantes italianos oriundos da colônia Nova Itália<sup>2</sup> descontentes com a situação encontrada no local, solo e clima. Eles subiram o planalto e compraram um terreno próximo a Capital que foi dividido e demarcado em quinze lotes de dois alqueires e sorteados entre os compradores. A partir daí outras famílias se estabeleceram na região.

Santa Felicidade desenvolveu-se em torno da picada central que acabou transformando-se em estrada pelos colonos e na década de 1940 foi ampliada e macadamizada, tornando-se a Estrada do Cerne, rodovia que liga Curitiba ao norte do Paraná. Em 1948, o trecho urbano da estrada recebeu o nome de Avenida Manoel Ribas. No centro da colônia, na atual Avenida Manoel Ribas, ficava a igreja e se desenvolvia o comércio, cenário em que se teciam as relações de sociabilidade.

Por volta de 1940 surgiram na região pequenos restaurantes que, inicialmente, serviam a comida da mesa dos imigrantes para atender os caminhoneiros que transportavam mercadorias pela estrada. A busca por estes estabelecimentos foi crescendo e foram surgindo novos restaurantes que mantinham um cardápio semelhante e um comércio característico. A partir de 1970 foi observado o crescimento de uma indústria de turismo em torno dos restaurantes, vinícolas e comércio de moveis e artesanato.

O cenário da pesquisa é amplamente descrito de acordo com as condições atuais e as transformações arquitetônicas ocorridas, observando que passado e presente contribuem na construção de um “Vêneto idealizado.” A autora tem o cuidado de indicar os diferenciais entre os

---

<sup>2</sup> Atualmente Porto de Cima e São João da Graciosa, Paraná.

limites administrativos do bairro de Santa Felicidade e a “Santa Felicidade dos italianos”, bem como pontos de tensão entre os grupos.

Quando trata dos italianos de Santa Felicidade enquanto grupo étnico, Maranhão fundamenta-se nos conceitos antropológicos de identidade étnica, identidade contrastiva, etnicidade e identidade camponesa, assim como descreve as categorias distintas de italianos, os “outros” italianos e os curitibanos.

Os laços familiares entre a comunidade italiana são preservados e celebrados em festas de batizado, casamento, formatura e outros eventos comemorados nos restaurantes e clubes locais, todos precedidos de missa na paróquia de São José de Santa Felicidade.

Os restaurantes surgiram inicialmente como salas de refeições nas casas dos colonos que necessitavam de encomenda antecipada. Não há qualquer indicação segura de qual teria sido o primeiro restaurante a surgir na região. Sabe-se, no entanto, que por volta de 1940 a dona Julio Toaldo servia um prato único na saída da missa de domingo e, a partir daí, no final de 1940 são criados os restaurantes Iguaçu e Cascatinha.

Ainda que a maioria destes estabelecimentos tenham sido estruturados a partir de empresas familiares, propiciando o aparecimento de verdadeiras dinastias, foi o sucesso destes empreendimentos que gerou a transformação de Santa Felicidade, possibilitou o surgimento de outros restaurantes, atraiu investidores italianos de outras regiões do país e uma diversificação da culinária do bairro.

Maranhão descreve os restaurantes como um programa de domingo que envolve uma parcela das famílias de camadas médias da população de Curitiba, uma prática observada a partir das entrevistas realizadas. Há que se observar a existência de um intenso volume de empresas de turismo locais e estrangeiras que são levados a passeios turísticos pela cidade e encerram com almoço ou jantar no bairro típico italiano.

O significado simbólico da comida tem sido discutido por diversos antropólogos apontados pela autora que indica distinções entre a comida de casa e a da rua, bem como a comida presente na casa dos descendentes de imigrantes italianos e a servida nos restaurantes e nas festas típicas locais.

Abundância de comida e bebida para os italianos de Santa Felicidade são uma benção que remontam as dificuldades dos primeiros imigrantes e estão presentes nas tradições, na solidariedade dos mutirões e na sociabilidade dos eventos, trata-se de foco simbólico de construção da identidade.

A polenta é onipresente, nos restaurantes e nas casas do bairro. E, a comida típica servida nos restaurantes italianos de Santa Felicidade é uma adaptação da culinária original do Vêneto ao gosto local; originalmente, são pratos que foram sofrendo ajustes desde os primeiros imigrantes. Deste modo, a autora entende que houve uma (re)invenção de uma culinária “vêneta” pelos proprietários de restaurantes e pela comunidade local que aponta uma busca à continuidade do passado histórico da colônia, transformando o novo em tradicional.

4 Giorni in Itália, as Festas da Uva e do Vinho são eventos locais realizados anualmente que reafirmam a identidade italiana do grupo; são celebrados com uva, vinho e pratos típicos: polenta e macarrão, constituindo-se em uma tradição. O ritual das festas é uma ruptura do cotidiano que estabelece um tempo especial, onde as pessoas são levadas ao passado e às origens da colônia. No que se refere as Festas da Uva e do Vinho, elas não são praticas originais dos primeiros imigrantes, são apontadas ao que Hobsbawn indica como tradições inventadas que reforçam a identidade do grupo.

As festas, no geral, tratam-se de invenções e adaptações que têm sua origem na necessidade de comercializar os produtos da colônia. Há que se considerar que elas são permeadas por três diferentes concepções de tempo, cada uma com características próprias: um tempo cíclico, um tempo linear e um tempo mítico.

Finalmente no último capítulo são observadas as interferências das políticas públicas locais na construção da identidade italiana no bairro e do bairro de Santa Felicidade, com o objetivo de identificar qual o papel das políticas públicas municipais na (re)construção da etnicidade entre os descendentes dos primeiros imigrantes. A autora esclarece que a (re)construção da identidade italiana fica mais evidenciada nos últimos vinte anos, apontando as dificuldades históricas havidas para os descendentes de italianos face as condições políticas do país.

Ainda que nas relações Prefeitura e bairro apareçam tensões, o projeto de construção do Portal italiano de Santa Felicidade, na entrada do bairro, fez parte de alterações urbanísticas que contemplaram as relações interétnicas e a valorização da diversidade cultural local.

Para Maranhão, o bairro de Santa Felicidade apresenta-se como o bairro gastronômico e italiano de Curitiba para os turistas e para os curitibanos. No entanto, para os moradores italianos, Santa Felicidade ainda é uma “Colônia Vêneta”.

A comida e os rituais de Santa Felicidade surgem como uma (re)invenção das tradições, dentro de uma cidade que respeita as diferenças e o pluralismo étnico.

